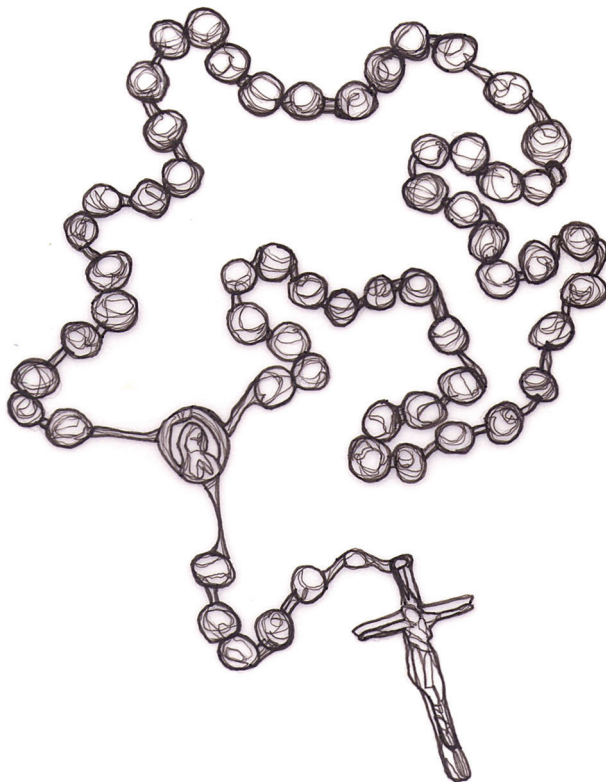


José Geraldo Neres

# OLHOS de barro

A casa se abre. O corte. A ausência da  
carne. O calor das palavras a correr a pele  
das horas. A luz não acompanha o sangue.  
No ventre do sono não olho embaixo da  
cama. Só me resta recolher o rosário.



**PATUÁ**  
EDITORA  
LIVROS SÃO AMULETOS

Copyright © Editora Patuá, 2012.  
*Olhos de barro* © José Geraldo Neres, 2012.

Editores  
Aline Rocha  
Eduardo Lacerda

Revisão  
Aline Rocha  
Beatriz Bajo  
Deise Assumpção

Projeto Gráfico, Capa e Ilustrações  
Leonardo Mathias | flickr.com/leonardomathias

N3630 Neres, Olhos de barro.

Olhos de barro / José Geraldo Neres.  
São Paulo: Editora Patuá, 2012.

ISBN 978-85-64308-44-2

1. Conto brasileiro I. Título.

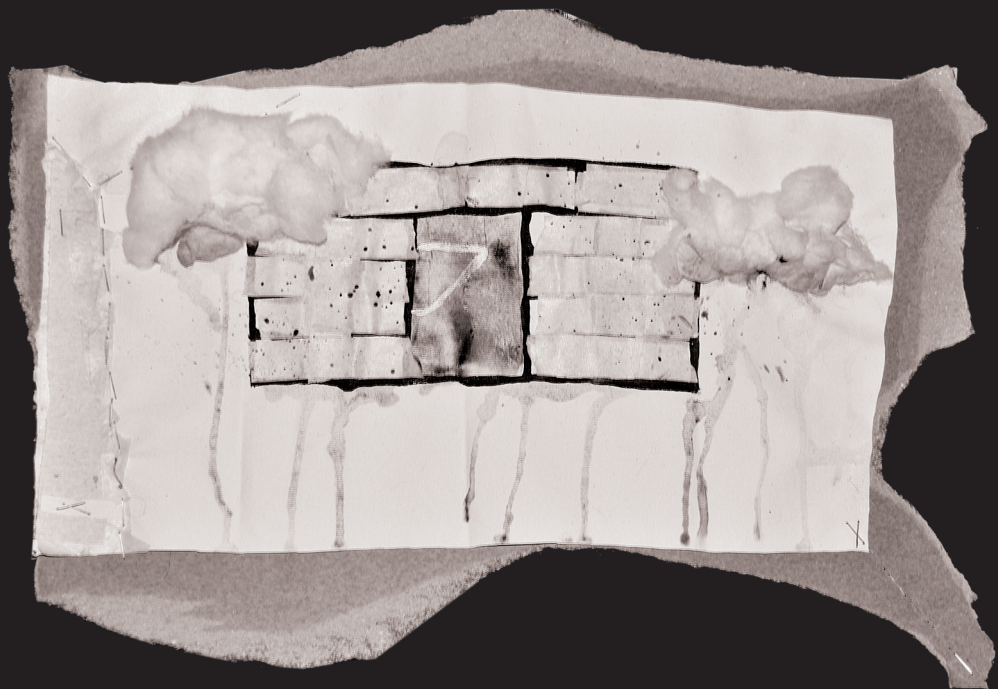
CDD – 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Conto brasileiro : Literatura brasileira 869.93

Todos os direitos desta edição reservados à:

**Editora Patuá**  
Rua Lobato, 86  
CEP 03288-010 São Paulo - SP • Brasil  
Tel.: 11 9768-2712 • 11 7022-0339  
www.editorapatua.com.br



# sumário

*LIVRO UM*

– COLHEITA DE SILÊNCIOS –

15

*LIVRO DOIS*

– UM PEDAÇO DE CHUVA NO BOLSO –

27

*LIVRO TRÊS*

– SOL RASGADO  
AOS PÉS DA SERPENTE –

55

*LIVRO QUATRO*

– O SILÊNCIO DAS ÁRVORES –

71

*LIVRO CINCO*

– A FOME DOS NOMES –

89



# (O TEXTO ENTRE PAREDES)

Maria Lúcia Dal Farra

Tanto quanto a um Prometeu acorrentado à procura de imagens que implodam o inaudito, este novo José Geraldo Neres se vincula também a uma outra mitologia: a do Gênesis. O barro, aqui, para além de incluir os jogos da infância, as brincadeiras em torno da construção da casa e dos outros, carrega o grão mítico da criação, o que engendra os olhos capazes de inaugurar um inesperado mundo novo – mercê do nome, mercê dos modos outros de designação.

“Hijos del limo” (como na linhagem poética identificada por Octavio Paz), as miradas destes “olhos de barro” (para dentro ou para fora de si) brotam outras palavras, “outros silêncios”: signos soltos à deriva, frases escuras e emparedadas, palavras difíceis que se transubstanciam em odores, sombrios vocábulos no enalço da luz, falas de outros poetas, nomes – poesia, poesia, poesia...

Um homem, aprisionado ao seu corpo (esconderijo, labirinto, poço escuro, clausura) busca uma saída: ser muitos. E então os nomes, como que eclodindo do útero primevo, pródigos ainda da terra úmida, despontam na página e transbordam para todos os lados.

E brincam de esconde-esconde, misturam-se ainda à água e se rebatizam - encontram-se em estado de infância. Tateiam o mapa do seu futuro, consultam bússola e diretrizes, discutem, dialogam, emprestam-se, perscrutam as fronteiras, constroem sua morada. E praticam o sacrifício.

Porque o regime que aqui vigora para a obtenção da liberdade e do verbo é o de penitências - entrelugar de tormentas, de espelhos cegos, de muros cerrados; do palco, do teatro, da cena, do disfarce – sob um tempo implacável de relógios, silêncios e sombras.

O corpo é o eixo da nomeação. Ele é a casa da palavra, o texto habitável, o teto sob o qual o rito se cumpre pacientemente. Janelas e portas, quarto e cômodos, cortinas e paredes, chão e pedras e chaves (ou corpo, pele, rosto, boca, dentes, riso) – são os pontos cardeais da fortaleza a ser assaltada ou preservada, escapes ou aberturas para a instauração dos nomes e das imagens, conforme se dê o embate com o outro, conforme a palavra-de-ordem para cada caso, para cada acaso.

A poesia é uma operação que demanda calma, controle, serenidade, conhecimento do limiar, experiência do limite. E ela se dá sob a égide de uma semântica que percorre subrepticamente a mais notável referência sacrificial do Ocidente, apropriando-se desta a seu bel

prazer (invertidamente, muitas vezes), para reinvocar a dor, a dúvida, o erro, o medo, a culpa, a queda; a cruz, as chagas, as feridas, as lágrimas, as marcas; o tributo a ser pago, a condenação; o cálice, a corda, o veneno, o sangue, a morte. Mas também o prodígio da ressurreição.

Os santos, os anjos, os milagres, os cordeiros, a igreja, o terço e a profecia hão de conduzi-la à palavra eleita, ao ventre de deus, ainda que a poesia seja esse “deus vermelho” a escorrer da boca do mesmo corpo imolado. É assim que “suas unhas” varrem “uma tempestade para detrás da porta”, que “o voo dos cordeiros não termina em mim”, que os “pássaros” têm “quatro folhas”, que no “meu corpo carrego as (...) escamas dos pecadores”, que a infância é um “pássaro embalsamado” e que “as pedras são ramos de água”. Afinal, “qual o lado da noite que umedece primeiro?” Afinal, que parênteses podem conter este corpo - este texto?

**Maria Lúcia Dal Farra** é poeta e professora titular de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Sergipe.



*Homenagem a Pai Omolu*

*In Memoriam de meu avô paterno: Geraldo Neres  
(Montes Claros, Norte de Minas Gerais) e suas histórias.*



*Cada palavra é, segundo sua essência, um poema.*

**Guimarães Rosa** (Entrevista a Günter Lorenz).



*[...]“Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos são cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem.” [...]*

**Mia Couto**



# OS QUE ACENAM DA OUTRA MARGEM

Quantas orações saem de seus lábios? Onde são forjadas as sombras? De qual abismo se retiram os espinhos que colocam no seu corpo? Ele acorda. O corpo reclama um pouco de verdade. Paciência. Essa é sempre a resposta. Lutamos em várias tormentas, e não consigo lembrar uma única vitória. Respeite os limites. Essa é a sua penitência? Não posso assumir a condenação dos homens. Estou ocupado, já disse, não há tempo para jogos. Tenho marcas pelo corpo, e isso não afeta a maneira de encontrar outros corpos. Não consigo controlar tudo. Existem limites? Preciso respeitar os sinais do meu corpo. Abra a porta. Devagar.



*LIVRO UM*

– COLHEITA DE SILÊNCIOS –



# ESPELHOS EM SILÊNCIO

Na rua de ontem não há amparo nem homens. O destino tem janelas abertas, mas estava distraído e não percebi a sua face. Ele se deteve por um instante, o tempo necessário para abandonar tudo, até o próprio nome. O passado não precisa de nomes. É um quase-deus a arrastar todas as idades. Não consigo tocá-lo. Um passo, outro passo. A infância, as lágrimas e as paredes têm olhos infinitos. A janela está diferente. Vozes. Uma estrela entra no quarto, destrói o espelho. Seu ar noturno descobre o mistério: era eu pequeno a odiar a noite e seu eterno desfile de cordeiros a conduzir-me pela casa. O silêncio abre seu peito. Não há espelhos quando as crianças se perdem.

## A CABEÇA DA SERPENTE

Saí de casa mais cedo. A lua começa a cantar e cai dentro de um copo. Vermelho. A cor me faz ficar parado. A rua não tem nome. Orientaram-me não ficar parado, mas o corpo não responde – tem o ritmo de uma fotografia – Devagar. Dizem: o passado é um colecionador de luzes. Ninguém me espera.

Vermelho. Sinto a noite afundar no silêncio do semáforo. Olho pelo vidro. Uma sombra vem em minha direção, tento decifrá-la. O passado é Outro a caminhar ao meu lado, se instala nas paredes do meu corpo. A parede não tem janelas. Uma tempestade com flores entre os dentes. Não sei das pétalas nem da boca que as carrega. Deve ser minha infância, ou apenas o medo: o ninho de punhos fechados.

Espere.

Ainda vermelho. Deve ser algum defeito mecânico. –Estou aqui. Devagar. Olhe para mim. Não durma. – Não consigo decifrar sombras.

Um menino bate na janela. Quer me mostrar ou vender algo. Faz pequenos movimentos com as mãos. Sorri.

– Construí um deus, quer ver? Fiz em sete dias.

Está tudo vermelho. Agora já aparece um verde, um amarelo. Preciso de descanso.

– Quer um pedaço da minha sombra? É para manter a pele dele aquecida. Isso, um pouco de vermelho, um pouco de barro.

– Não tem mais?

– Esqueci de terminar os olhos.

Ninguém me espera.

# ANTES NÃO HAVIA ESTE FRIO

Finalmente, encontrei minha sombra. Um pouco de água. A casa está diferente. As luzes não sabem o motivo de estarem acordadas. Sinto o frio das casas vizinhas. São casas ou barcos à espera do próximo dilúvio? Nem calor nem frio. Esse líquido faz os pés doerem. A sombra faz um barulho. Água. Sou capaz de sentir sua respiração — o Outro a atravessar a parede.

– Estou à sua espera.

– Cuidado, sou o voo subterrâneo. Procure não demonstrar medo. Os olhos são o corpo do Outro. Sinta o milagre. Somos pó.

– Estou à sua espera.

– Quatro dias, tudo se encaixa, sinta a diferença nas suas chagas.

– A água.

– Pendure-se em minhas asas! As águas não sabem o motivo de

existir vítimas ou milagres.

– Vamos, temos que encontrar os Outros. Essa parede nunca esteve aqui.

# AS PEDRAS SÃO RAMOS DE ÁGUA

Mergulho na sombra úmida. O rosto da vida que busca por onde começar. Sua distância – uma tempestade que nos visita –, seu olhar não se apresenta em forma d'água. Mergulho o rosto. A vida abre os dentes.

Os retratos tomam as cores de nossa memória. Reconhecem as feridas. Nos negam a origem. O silêncio é a porta da qual não temos a chave. A parede por cair. A olhar o tempo. Não encontro o seu rosto entre suas raízes. Sombras saltam comigo.

O relógio está quebrado, mesmo assim, o tempo joga suas cartas. Existe um fio quebrado no labirinto – ele não se preocupa com as armadilhas –, nos seus dentes um aviso.

A parede por cair nos estende as mãos. Ela não acredita na ressurreição. Na poesia os fantasmas se reconhecem, e a morte se pesa à parte. Aversa às festas, não se recorda da mãe ou do pai. Não consegue unir essas duas margens. Não se banha na mesma água. Corre no seu sangue uma música desconhecida. As mãos limpam a poeira dos ossos, desenham caminhos, e penetram a pele dos nomes.

Um menino de riso fácil junta gravetos para construir um esconderijo. Não me aproximo das paredes de olhos líquidos nem das igrejas. Deixo o corpo sepultado no seu colo. O silêncio guardado no espelho. Dentro do silêncio, espero o dia nascer, e sempre permanece escuro. Poucas palavras revelam meu nascimento.

Entre a parede e o espelho, observo suas unhas varrerem uma tempestade para detrás da porta. O menino pergunta: quem vazou seus olhos? Respondo: o voo dos cordeiros não termina em mim, e os fantasmas fazem fila atrás do seu sorriso. Afaste-me desta parede!

Como levantar essa parede sobre mim? Quero um pouco de veneno para novamente sonhar. Se precisa de uma igreja, engana-se: é lá que se despede a vida. No meu corpo carrego as preces antigas, as escamas dos pecadores.

A igreja entrevista os novos candidatos a santos. Um corte profundo nas veias — observo a cena —, não existe trapézio nos aquírios. Os santos se imaginam peixes voadores. À minha volta mulheres cortam seus sexos com asas de arame farpado. Recolhem milagres.

A infância: pássaro embalsamado. O choro de mãe se faz terço invertido. Estamos perdidos, retiraram as estrelas de nossas pupilas. Os meninos não caminham na chuva.





*LIVRO DOIS*

– UM PEDAÇO DE CHUVA NO BOLSO –



# NA OUTRA METADE DA NOITE

Você sabe por que voltei?

Ela tateia as paredes à procura do seu corpo. Vê outra casa dentro da sua casa. Onde nasce esse silêncio? É possível alguém nascer em silêncio? Os seus olhos procuram palavras para formar uma frase: Somos um grão de areia retirado de um corpo vazio.

Cruzar a fronteira, os limites de nossa casa. Não sou uma voz, ou a lembrança daquela que sequer criou raízes de um nome.

Os dedos das crianças no hálito das sombras, o tempo, seu ritmo amargo, onde o barro entrega-se à carne. Minha voz corre, brilha e se perde da infância.

O espelho – caminho inventado, nas esquinas nascem milagres  
a semear portas –, da sua garganta sai um girassol a arder devagar.

Ordens são ordens, mantenha distância: o mistério leva vantagem.  
O espelho é o deserto, só ele não sabe disso, é a fronteira e o abismo  
que abrimos dentro de nós, é o sono faminto das horas.

Traz dor cada vez que pronuncia uma palavra, a menor era irmã de  
um escorpião.

Eu sei quem sou, e você sabe? Um punho fechado nos olhos dos  
outros, isso é você! Você já se viu no espelho? Já viu um milagre?  
O universo é um galho, não suporta o peso de nossos corpos, ou  
o nosso sonho.

Será que sempre existiu ou é invenção do espelho? Meus lábios  
estão cerrados. Aqui você tem um lar, não se esqueça disso.

Sente-se diante do espelho, espere a revelação. Abra novamente os olhos, sintase parte da história, deixe as palavras a perseguirem. Quem conduz seu corpo nas suas histórias? Quais histórias guardam no corpo? Quando essa voz chegou até aqui?

Todos têm um lar, não sei sair de dentro de mim. Vaidade? Quando chegar nossa hora, não deixarei passar despercebida, não serei enganada; quando cruzar com seus olhos, quero sentir de frente o ar de luto que preenche essa casa. Aquela embriaguez é um retornar de perguntas a bater no seu corpo.

Na ausência do silêncio o seu olhar se enruga, a menina em frações de segundos: a forma de existir no espelho do Outro.

Sim, a casa é uma memória, ela nos toma o corpo para esculpir os fantasmas. Aqueles que não fazem nenhum ruído guardam as chaves das portas que são essa casa. Não vejo a razão das chaves, nenhuma porta está trancada. Sim, esconda-se na sombra do seu próprio corpo, do corpo a girar as chaves à procura da casa que poderá ser a sua.

Seu olhar participa daquele diálogo, de sua vida. Não se pode viver sem sentir o abismo abrir-se em nosso corpo, ou acenar do outro lado da casa: a grande cerimônia de estar vivo. Estamos vivos? Não sinto meu corpo! Os fantasmas erguem seus copos, dizem: na casa, somos cegos.

Quero sentir a luz, como se tivesse entrado noutra mundo, e cruzar a fronteira do meu corpo.

As nuvens vermelhas procuram sua outra metade, o espelho mora no seio da terra criado no momento em que descobrimos ter um rosto.

É estranho ouvir uma lágrima, sem saber a origem daquela repetição. Como lhe chamar de amiga? Não sei sua idade, o tamanho da sua cruz, sinto o seu sangue, e seu hálito. Rasgar o coração é ficar órfã de si mesma.

A casa é mais uma ilusão da morte. O espelho faz-me esquecer a infância. O que chamamos de fronteira é uma cicatriz a morar dentro de nós. Ela sempre esteve aqui. Nunca me deixou partir, e me desafia a olhar dentro de mim.

Ao dizer seu nome a casa se transforma, mas ela não sabe o seu verdadeiro nome, mesmo assim o chama, na esperança de dar a essa voz um corpo.

Vou levar sua alma. Não pense que isso seja permissão para descanso. Quando retornar, quero encontrar este lugar arrumado. O pó não pode retornar ao homem. Olhe essa bagunça! Trabalhe!

Recolher a voz. Ela não tem rosto, mas se distrai pela sala como se estudasse seus movimentos à procura de detalhes. Para diante de uma fotografia. Sorri ao encontrar uma criança. A voz avança pela casa.

No barro, procure o espelho. Descortine-o, ele revela o lado escuro da casa.

A voz treme — de medo ou de frio —, talvez outro motivo. Ela treme, parece procurar a parte do corpo que lhe falta, sem saber qual realmente é. Perdida, a voz treme.

Preciso de detalhes, de absurdos, preciso sentir os limites da casa. O ruído a capturar o tempo. Segurança. A voz abre a porta.

Quero descobrir cada detalhe do seu corpo, não faço parte dele: não quero me perder. Atravesso o calendário. Três luas são meus braços, as linhas das mãos são filetes de água a desembocar nas três dobras dos dedos. Ela curva sua cadeira, balança o corpo sem sombra, dobra os pés. Não posso sentir suas cicatrizes, tocar suas mãos. Nos lábios da lua, homens sem língua flutuam sem sentido.

As palavras se assustam com o abismo. Como fazê-las pular? A voz se insinua. Nas paredes se ouvem os estalos. O cheiro do café vem de um dos quartos. Hora de sair.

A vida não para. Ela sente os outros percorrerem a casa. A voz os reconhece, é sentida por eles. A casa, um corpo sem sombra de raízes curvadas. Os sons pela casa a deixa segura.

Uma música nasce, e se abafa. Empurra a porta.

No canto esquerdo, ela joga água num vaso, não existe nenhum sinal de planta, sorri: — empurre a outra porta. Na sua voz encontro o peso dos meus ancestrais. Todos caminhos silenciosos do mundo estão abertos. Não a chamarei da outra margem.

Às vezes o sol aparece por detrás de suas unhas, às vezes por cima de sua cabeça, noutras dentro de suas cicatrizes. Hora de sair.

Outras vozes se levantam. Apresse-se, ela diz. Tente se levantar. O que elas querem? Levante-se! A roca gira entre nossas mãos. Atire o corpo contra as próprias unhas! Ela se surpreende com o timbre da voz. O tempo não é a medida dos nossos dias, é tudo aquilo a dilacerar nossas entranhas. O silêncio é um lençol, e um número imenso que se lava nos sonhos.

No espírito das águas, a chuva encontra as mãos da terra. O lugar em que se descansam os pés. Levante uma nova parede.

Não consegue caminhar?

Sentamos ao lado do espelho. Preciso respeitar a lei dos relógios, diz a voz. Do seu ventre nasce a tempestade. Três lâminas e cinco portas iluminam o homem.

Em suas mãos sou a dança, o anel que escurece o dia, a porta per-

dida a abrir-se para as trevas e a convidar os sem corpos. Os relógios de voz grisalha atravessam as roupas, a pele, penetram os ossos: cortejo de vozes. A voz tem um estranho brilho nos olhos, mesmo sem poder delinear a sua face, os olhos brilham.

Abriga-se no corpo, na casa. Na intimidade de habitar o silêncio. A navalha se fecha. O sangue grita: protege-me! Tudo se ajusta, somos noite, e servimos a essa casa. A chave está na porta. Há luz no quarto ao lado! Não, o sangue há de cegar a lâmpada. Proteja-me! Nem tudo morre. Sua sombra há de voltar. Durma.

No outro quarto envelheço.

O que buscar nas estrelas? O sangue acalma o vento. Procure alguém para conversar. Envelheço. Os dias que passo neste quarto levam a voz para longe. Ela habita essa casa? Não encontro suas cinzas, ela é a própria casa, não se acalma. Um vulto se levanta, caminha até uma das paredes e, encostado nela, a carícia, como se ela estivesse grávida. Daquele ventre surgem imagens: um cão uiva.

Enxergo a face nua daquele que carrega as sepulturas.

No seu rosto uma pergunta antiga, e a linha divisória da loucura.  
Corpos distorcidos andam ao seu encontro.

A voz existe sem entrar em mim. O corpo não se encontra nas fotografias da infância.

Naqueles olhos, um tempo miúdo se equilibra na busca de alguma luz: sabe-se quase cega, o tempo brinca com ela: venha, vou ensiná-la a caminhar pela casa. Tente descobrir os mistérios que cobrem o silêncio, existe muita coisa escondida, tente sentir isso, com movimentos suaves, igual as carícias de quem se enamora. Para além das paredes. Procure as respostas, o milagre de estar vivo ou de pensar que faz parte do mundo dos viventes, procure passar a fronteira. Você mora nesse lado. Não consigo sentir seu corpo. É pelas palavras que se chega até a alma. O silêncio amarra nossas mãos, nos proíbe de atravessar. Meus pés são raízes dessa casa.

Para descobrir a história da casa, tente ler as marcas das mãos pintadas nas paredes. Tente escutar a respiração delas. A resposta que procura está nessas paredes. Tenha paciência, e descobrirá seu destino. Aquele quarto é a minha infância.

Olha rapidamente, o quarto não tem espelhos.

Deixe-me adormecer.

Os fantasmas mostram a sua generosidade, oferecem uma chave. Qual porta abrir? São cinco.

Ela se entrega aos sonhos, ela é o outro quarto, além da casa, mas é parte dela. Sente sua respiração a proteger seu sono? Em sonho visita cada parte das casas vizinhas. A voz chega, e fala: o quinto cômodo você nunca vai conhecer, aceite a casa.

Ela acaba de nascer, não tem asas. Está no primeiro quarto. A voz pergunta por que não descansa. Feche os olhos, e tente alcançar sua sombra. Jamais saberei o bastante. Não tenho asas.

Escute, a voz diz: a noite fechou as portas.

Alguém se mexe no outro quarto, qual? No primeiro? Não sei. Isso nunca há de ter fim? Durma. Quero encontrar a outra margem do silêncio. Durma, e acene para tudo que nos espera.

Gire pelas paredes estreitas, de olhos fechados, sinta cada tijolo vermelho. Tudo está em nós. Somos o gesto mortal – o segundo quarto – os lábios que despertam a argila, recolhem os espelhos. Somos o caminho, ela sempre retorna. A cor dentro dos espelhos. Reconheça sua face neles, a sombra nessas paredes, sinta cada tijolo vermelho, eles são seus lábios, a boca a devorar a imagem do sol, sinta sua voz fazer parte dos tijolos.

A janela se abre, não posso escutar sua respiração. Durma. A casa não conhece o silêncio. É a prova de que os fantasmas protegem as paredes, e tudo que elas ocultam. Não brinque com a morte, durma, ela não pode me escutar. Ela não sabe onde está a chave.

Finja que é domingo. O tempo me assusta. O que busca no espelho? Sempre encontro um vulto sentado com as asas fechadas, no rosto uma marca antiga, a desordem do tempo. O sangue acalma o vento. Procure outro para conversar. Por que não consigo sentir sua respiração? Eu não tenho asas. Como alguém caminha sem levar a sua sombra? É difícil lembrar o meu nascimento, da infância, lembro a parede decorada com várias marcas, pareciam mãos, partes de pés, raízes, mas tudo é mal iluminado. Nunca aceitei essa casa.

Naquele quarto sonho semear o chão, marcar as paredes com partes do meu corpo. Sou parte da casa, ainda não consigo sentir minha respiração. Encontre um espelho. Escute: essa parede não se abre duas vezes para o mesmo corpo. Morda os lábios, decore a casa com sangue. De nada adianta golpear o peito. Morda até que a casa grite: pare! Quando ela lhe beijar, saberá que chegou sua hora. Um passo

a mais nesse labirinto para onde a infância não regressa pode ser a sua salvação, mas espere o sol nascer.

O dia nasce noutra lugar, caminha sem máscaras: aqui ele não respira, nos seus ombros não cabem mais palavras, os limites são limites. Um dia, estaremos todos juntos, hoje não a sinto. Feche os olhos, e termine o epitáfio. Separe-se da voz.

Nos seus olhos duas crianças ilhadas, elas cantam no sangue quente, a semear mais silêncio.

Deus se afasta, as crianças brincam. Nas mãos cinco chaves, e ele sempre esbarra nas portas. Os nossos corpos não se encontram. Ela se afasta, diz: Procure o abismo nas paredes lisas. Antes da dor, existe a queda. Ajoelhe-se em silêncio. Estou curvada. É isso que deseja? Ontem, encontrei meu corpo, nada mudou. Encontre uma faca, um espelho. Estou com sede. Dê-me seu corpo. O chão tem um gosto estranho. Somos ou não a queda?

Somos o barro, um deus-criança arranca-nos os olhos, a voz. Adormecemos na lama. No outro quarto, ela se levanta, espera. Não sabe se mãe ou filha. Esconde o rosto, não tem asas. Grita: sou a porta, a casa continua aberta. Preciso de um nascimento. Se eu sair, ficarei cega. As vozes reconhecem meu rosto.

A casa, quase sem ruídos, respira. Dá medo. Meus olhos começam a arder, imagino-a a se mover, a se levantar, a conversar com alguma coisa na lama: traga a sua filha, o pão, o vinho. A fome me tomou as mãos. Você me deseja.

Sou aquela que não te abandonará, a ferida e a luz. Erga-se. Não desvie o rosto. A casa não pertence a você, e nem a mim. Lembre-se: nós somos o Outro, meu destino se apaga nos seus olhos, se isso acontecer acabarei com a sua vida. Eles – seus olhos – ardem? Na lama fiquei grávida da morte. Toque meu ventre, veja a criança que carregará o espelho. Ainda precisa encontrar a chave? Abra os olhos, a porta está aberta.

Cinco crianças sentadas num círculo. Cada uma tem um pano umedecido na mão, com ele, cada uma passa o pano nas costas daquela que está a sua frente, da esquerda para a direita, e assim sucessivamente. Uma cuia vermelha está no centro do círculo. As mãos deslizam pelos ombros, a voz diz: são sombras a se arriscar nas águas. Eu lhe mostrarei as outras que continuam presas nas paredes. Peça um pouco de calma. Aqui, a vida se curva. Escute o espelho arder, ela – a voz – tenta nos alcançar. Ela grita: construí cada pedaço da casa, não consigo acompanhá-las. Deus acredita que foi ele o criador, mas o labirinto é meu! Olhe para meus olhos. Sim, esses que estão espalhados pela casa. Limpe as mãos, eu já fiz isso, e ele fez o mundo. Afaste-se! Ele logo retorna para o espelho, nos carregará no peito.

Somos o enigma que o devora. Somos a porta da frente, aquela a esconder tudo o que acontece nas ruas. Não sabe o que é rua? É o caminho das vítimas, a evidência de que ele existe. Será que ela nos seguiu? Não sei o seu nome.

As crianças correm à nossa frente, elas têm os olhos fechados.

Vai terminar? Tem que terminar! Está tudo em desordem. Já disse: deixe que ela viva em você, por que a recusa? Lembre-se, ela é a mão que aperta, tem os olhos abertos, mas às vezes perde alguns objetos. Acho que é distração, ou descuido. Escute as crianças nos outros quartos. Não era para isso acontecer, devia estar tudo vazio. Não consigo abrir a porta, suba nos meus ombros. Isso me perturba. As palavras têm essa intensidade. O outro quarto está vazio? Está escuro! Só escuto os passos daqueles que dormem, têm os olhos de pedra.

Veja: pequenas marcas na porta.

O silêncio é uma estrela estéril, ou é essa casa? Esse cheiro de morte. Estou sozinha, e as paredes, riem — Aonde vai sozinha? Sou aquela que tudo perde. Devo libertar a casa, e elas riem. Fecho os olhos, uma mão se ergue. Entrelaça-me. Quem é?

Sou o jogo na mão das crianças. A virgem de roupa rasgada. A pedra, e a água tranquila. A outra luz. Chamam-me de trevas.

Eles se confundem.

Os que dormem dão-me os seus rostos. Não está com sono? Sou a outra parede. Ouve vozes? O espelho está vazio. Ela ainda dorme. Sou a que espera, e retorna nos lábios da ferida. Não sou o cordeiro. Ouça minha voz em você! Sempre estive na pedra.

Deixe-me os olhos, grita o espelho. Afaste-se. A casa é minha pele.

# MÚSICA ATRÁS DA PORTA

Sairei do corpo. Andarei pelas ruas com seus filhos. Estarei em todas as partes, ela jamais sairá dessa parede. As lágrimas não têm dentes nem conhecem feriados. De nada adiantará chamar o meu nome. Siga o peso dos ponteiros. Eu estarei atrás da porta, de onde posso escutar e encontrar os nomes. Precisa de alguma coisa? Ela lhe dá as costas, continua a caminhar, parece cansada. Não quero estar presa nesse lugar, a cortina permanece fechada!

É uma estranha visão: ela traz no corpo um vestido coberto de insetos. Não há marcas, os insetos parecem não incomodá-la. Ela caminha pela casa. Ao passar pela porta ninguém consegue reconhecer o vestido: ele é igual a qualquer outro vestido usado por alguém de sua idade.

– Meu corpo espelho quebrado. Quero caminhar pelas ruas para recolher os pedaços que me faltam. Quero os ruídos que a ci-

dade faz. O silêncio é o labirinto onde moro. – Não se preocupe. Ainda precisa de alguma coisa? – Conhece uma canção de ninar? Quero ser bailarina, sentir a música, sou invisível na cidade, os dias não tocam a mesma canção. O simples caminhar pelas ruas me causa vertigens.

Ainda precisa de alguma coisa? Sinto na alma o barro do qual fui criada. – Quero vestir os ossos da cidade com um pouco do barro. Ainda quer alguma coisa? – Quero brincar na chuva! Ela não responde, nos seus olhos vejo uma velha a trabalhar a madeira. – É para aquecer os ossos. Não gosto quando ela deixa sua cadeira de rodas em qualquer lugar da casa. Olhe bailarina: os dias não tocam a mesma canção.

## O OUTRO LADO DA PAREDE

Faz tempo que não escuto um pássaro. Eles sempre habitaram minha infância: eles, e um menino a girar um moedor de café. O silêncio é uma sombra com dedos de cera e apetite animal.

No primeiro corte, o sangue corre pelo espelho, pelas paredes da casa. Ela movimentava os braços a simular o voo de um pássaro, não consegue sentir o sol. Por qual razão volto a essa imagem? Não quero fazer parte do jogo. Nunca desejei: o pó penetra meu corpo. Minha provação é ser essa a caminhar pela terra prometida, se inclinar frente à morte. Fugir? Tenho as mãos úmidas de barro vermelho. No primeiro mês sentia muita dor: o que não me impediu de ter amigas. Os beijos na face parecem duas facas, o espelho despoja sua pele. Os pedaços caem no chão, mudam de forma: frutos caídos das árvores no outono. Uma vez pedi de presente uma cabeça. Olhe meus movimentos!

Acredita em lealdade? Nunca pensei nas chagas do seu corpo. Eu nunca deixei que outros beijos tocassem minha face. Acredita em lealdade?

Posso lhe apresentar para toda a vizinhança antes que a morte mostre suas delicadas mãos azuladas. Não quero que tudo isso acabe, minha cabeça fica muito bem acima dos ombros. Os homens trazem animais estranhos nos olhos, e nos meus morre mais uma tarde. Caminho sem reconhecer homem ou mulher. Alguém sussurra: precisamos conhecer as ruas antes que deus termine a outra parede.

Sinto o barro nos meus pés. Aqui nos é permitido reconhecer a queda, os detalhes das rachaduras humanas.

Olho para trás, uma criança gira mais uma vez o moedor de café, os grãos caem pelo chão. Nenhum brilho nos olhos.

Um apito de trem desliza por seus lábios, e a tarde fecha os olhos. Os vizinhos colocam flores nos seus pés. Ao seu lado os netos que nunca nasceram.

Janeiro. A parede molhada. Toda tarde olho para trás. Não consigo sentir o cheiro dos grãos de café. Alguém abandona sua cruz dentro dos olhos pequenos dos anjos. Espero. Espero. Uma criança sem face agarra-se à porta, antes que o espelho junte suas mãos e eu a coloque para girar o moedor.

Nos pés sinto o peso dos anjos caídos. Onde morreu meu rosto? Ele me abandonou? O chão onde durmo é frio. Não conheço você, e nem a sombra que envolve seu corpo. Coloque os pés na parede para fazer parte dela. No outro lado da casa, uma criança mais velha me observa. Caminha na minha direção. Para rente ao meu peito, se aninha, e dorme. Meu rosto me abandona. O silêncio da infância, e os mortos petrificados me abraçam.

Faz tempo que não escuto um pássaro, eles sempre habitavam minha infância, eles e o menino a girar o moedor.

Um espelho de tão velho já nem reflete sua imagem. Foi abandonado em um asilo.

Sinto as sombras úmidas através da parede, elas se reúnem, tentam cruzar a porta. São anjos com asas molhadas de barro. O mesmo barro do calvário, e dos dias de minha infância.

Os caminhos são estranhos quando nos tornamos adultos. Um porteiro cego recolhe as estrelas de olhos noturnos. Procuro a infância, deus com suas mãos de serpentes, elas não tocam o tempo. Ele movimentava os braços, pernas, inclina a cabeça, e regressa à casa de seus pais. A casa está vazia como os olhos de deus.

— Não encontro uma colina para semear minha cruz, e temperar a terra!

Um espelho de luto segura uma velha pedra, bloqueia a porta principal.

Ao entrar na casa, observo que todos os retratos, os enfeites, as peças de decoração, e o moedor de café estão virados para parede. A noite entra pela casa. O corpo arde. Sinto à minha direita um casal sentado: fazem-me lembrar meus pais. Eles se levantam. Trazem pedras nas mãos. Sobre suas cabeças as estrelas se apagam. Sangram.

Um pássaro canta nos olhos de um girassol.



*LIVRO TRÊS*

– SOL RASGADO  
AOS PÉS DA SERPENTE –



# O OLHO QUE O OLHA É OUTRO RIO

A porta se abre.

Uma mulher caminha em sua direção. No vestido carrega o tempo, a areia da rua, o segredo da vinda. Ela o olha. Ele está sentado, ao redor do corpo uma poça vermelha. Um objeto cortante, e de vidro está em pedaços. Ele segura numa das mãos um pequeno pedaço do objeto. O azul do vestido brilha no quarto. A outra mão toca o chão. Desliza os dedos pelo líquido. Uma, duas, três vezes. Ela sabe que algo o corrói, tenta não demonstrar qualquer reação. Ela se abaixa, e retira a mão do chão. Coloca-a na altura do rosto. Minutos escoam até que Ele a movimente. Espalha o líquido no objeto, depois na face. O chão tem a mesma coloração. Vermelho. Ele não consegue reunir os pedaços. Vermelho. Tenta outra vez. Vermelho. Quando parece completar o objeto, resta um pedaço no chão. Passam-se horas. Os dois estão sentados e a poça se desdobra. Ele levanta o objeto na altura do rosto, contempla a si mesmo. – Não consigo recolher este

rosto, sinto que creem em mim além de minhas forças. Este é o meu sangue? – Você é o filho. Lembra-se? – Isso é um espelho, e somos aquilo que se disfarça. O sangue se perde no passado.

# O CORPO DENTRO DO TEMPO

O sol afunda-se nos corpos. A casa nada sente. Ela não se importa com os nomes, espera os conselhos das sombras. O barulho macio das palavras difíceis e elas se misturam. Perco-me ao tentar organizá-las. Elas se transformam em cheiros. – É hora de dormir. Os retratos esfregam os olhos, as mãos. As paredes se inclinam. Não desprezam nada. As sombras destelham a casa. Os corpos precisam de equilíbrio e limites. – Não posso pedir desculpas. As sombras dormem na cabeça de deus. Estou no meu corpo. Não consigo enxergar as linhas que limitam a casa. – Não posso pedir um caminho. Este é meu corpo e noutro lado existem vidas. – Nenhum milagre chega ao céu, tenho um ritmo próprio. Quase humano. Como ultrapassar as linhas? As casas caem com o passar do tempo.

Um dia, devolverei este corpo, olhos. Não haverá mais o tempo. Uma sombra movimenta-se, aproxima-se da cabeça: – Sou o ritmo. A árvore vermelha nos olhos de deus. – A tragédia nos traz os corpos

que a terra cria. Nas paredes, abro-me em portas. Não sei onde está o sol. Os cheiros se misturam. – Sou o líquido pregado nas paredes. Nas cruzes, estou com meus antepassados. A casa faz sinais, meus olhos não compreendem. Ela contorna as linhas dos corpos. Não entendo o crescimento dos ventres, dos cômodos da casa. Outra parede. Outro corpo. O suicídio das janelas faz nascer outros corpos. Não há janelas. – Não posso pedir desculpas. Olho o espelho. O sol esquecido me leva pelas mãos.

A porta não desperdiça palavras, mistura o barro nos dedos dos sonhos. Às vezes nos permite uma respiração mais tranquila noutra, nos separa do mundo – quem pede demais, não sabe o que quer – e nos faz regressar ao útero primeiro. Uma criança observa-nos, ajeita os cachos de uma cabeleira imaginária. – Somos a casa, nossos dedos estão frios. A parede parece respirar. – Os fantasmas moram nos olhos. Há vida na queda do tempo. Não resta sequer o registro dos nossos nomes.

A criança escuta uma voz, inclina o rosto para o espelho: – Não importa. Os nomes não importam. A porta não desperdiça palavras,

os nomes não conhecem o barro úmido de seus pés. Na boca da casa  
escorre um deus vermelho. Seu corpo segue o olhar, mas ele não  
consegue nos seguir. A criança diz: – Fechem os olhos. Ninguém  
consegue atravessar o outro útero. Por que insistem em manter os  
olhos abertos?

Não existem fronteiras. A escolha foi feita. O quarto está escuro.

## PÁSSAROS DE QUATRO FOLHAS

– Não olhe para baixo. Respire vagarosamente. Calma. Um movimento de cada vez. Primeiro, terá que libertar o braço, a mão direita. Concentre-se! Ele Inclina o corpo levemente para trás, num movimento único e grotesco joga o corpo na minha direção. Paredes de pedra, o chão, agora líquido – a casa –, não importa o caminho. Falta o lado esquerdo. Não consigo olhar para o corpo ainda preso. Quero sair do quarto, faço promessa de ajudar. Um abismo nos separa, tenho que tomar um pouco do cálice. Começamos e não podemos desistir: – Beba um pouco, pense na liberdade. Uma luz quase nos cega. Sou a testemunha do sangue, a devoção dos relógios – olhos de punhos cerrados a cobrar o tributo do corpo, a recolher imagens e retalhos de espelhos –, sem olhar para o corpo ou para o espelho certifico-me de sua devoção. O corpo, agora liberto, olha para o pedaço de madeira: – Preciso abrir as chagas, deixar o tempo cobrar seu preço.

Estamos perdidos. Nem começamos a caminhar. Seu corpo ficou

muito tempo numa única posição. Lembre-se que me pediu ajuda, esqueça o cálice, somos amigos na escuridão. – Não se afaste de mim, o corpo demora a responder a um segundo passo. Muitos desejam o fracasso. Tente novamente, eu o seguro. – Nunca olhe para baixo, as sombras querem levar seu corpo.

Não pense que sempre digo verdade. A casa é uma estranha. Prometi ajudar, mas não diretamente, olhe a postura do seu corpo. Lembre-se do ventre que lhe trouxe ao mundo, não tenha compaixão pelo corpo. O tempo nunca satisfaz a fome. Grite alto: liberdade! – Não olhe para trás. A morte nos aguarda atrás da próxima porta. Ela sabe que não temos a chave. Somos o corpo, nossas chagas não cicatrizam. Falta pouco. Não deixe que ela lhe tome a frente. Esqueça o sangue. Precisa abrir um pouco mais as chagas, deixar o tempo dar o próximo passo. Cada corpo procura seu cálice, sua cruz. Não pense nos condenados. Somos frases escuras. O sangue. A morte quer falar por nossas bocas. Não acredite nas histórias que cobrem seu corpo. O caminho se esconde dentro dos sacrifícios dos nossos antepassados. A dor traduz melhor os homens.

Sacrifícios? – O quarto está escuro, procuro um milagre. Sinto a parede a formar-se pouco a pouco em nossa frente. Ela procura o corpo, eu não me reconheço. Como ela pode me encontrar? Não tenho um nome, mal consigo ficar em pé. O tempo e sua geografia invisível começam a moldar o barro, a desenhar ossos, a escrever nomes. Surge uma criança, e na infância, lembro-me, havia noites em que não conseguia olhar para debaixo da cama ou olhar para dentro do meu corpo. Ela me chama para brincar. Tento caminhar, os passos fazem o corpo lamentar. – Procure um espelho, caminhe pela casa. Acredite nas palavras, desconfie dos homens. Não consigo alcançar a criança. Outra parede, uma voz desloca um tijolo. Esconde-esconde. Ela volta cansada: – Escutei a morte, ela procura equilíbrio. Será que ela aceita brincar também?

Procuro uma janela, escuto pedaços de palavras. O tempo é o quarto, ele se sufoca com recordações. A vida, uma simples parede a se construir com lembranças e a colocar barro em nossas sandálias. Meu corpo magro, de chagas abertas, duvida em ser homem. Uma janela, alucinação a me devorar. Espeto meus ossos no horizonte. Não consigo alcançar a janela.

# A INFÂNCIA NÃO DORME NO MEU CORPO

Sempre achei difícil atender a um pedido de socorro. Meu corpo não carrega pedras, as paredes crescem. Não conhecem o descanso nem os sonhos que me alimentam. O tempo desnuda pouco a pouco seu dorso, sussurra: ela não alcança meus ponteiros. Olho para todas as direções, as paredes crescem. Elas não sabem da minha existência ou apenas me ignoram. Não sou uma palavra, tão pouco a voz a perambular pela casa. Corpo, ossos, barro, só resta uma palavra: sobreviver.

A infância não dorme encolhida ao meu corpo. Às vezes, dá impressão que jamais fecha os olhos, à procura de nomes. O silêncio a provoca, por várias vezes me perco dentro dos seus olhos. Penso na decepção da casa, na impossibilidade dela em acompanhar nossos passos, as paredes cantam, deixo de ser eu, meus ossos dedilham um rosário de pedras. A infância aguarda.

A vida não para, não sei dar o próximo passo. — Feche os olhos, deixe-os e aceite a queda. Sonho. Estou num dos cômodos da casa, a empilhar pedras e mais pedras. Quando chega a altura de cobrir a cabeça: elas caem. Tenho que recomeçar e, neste recomeço, uma parede me traz um copo da água. — As pedras não conhecem a profecia. Ela está dentro do meu sangue.

— Encontrou alguma coisa? Olho para as paredes, vagorosamente, tento identificar um sinal, um detalhe, algo diferente. Olho as paredes brancas, no centro um artefato de madeira, nada. — Ela espera um corpo. Misture água ao barro, procure um milagre no ventre de deus. — Dê o próximo passo! Primeiro sinta as palavras, a ausência de luz. Não se preocupe, logo o corpo se habituará: o cheiro do carvalho nos cravos. Sinta a dúvida, o silêncio. Deslize o corpo, molde o barro.

— Traga para o espelho todas as sombras que conseguir encontrar.

Uma sombra cerra os punhos, tenta inutilmente quebrar os espinhos.

—Aceite, faça parte das raízes da casa.

—Pergunte à morte: se o escolhido sabe morrer. A parede aceitou o corpo, a casa não suporta suas chagas. Como atender a um pedido de socorro?

## QUANDO LHE PERGUNTEI MEU NOME

O tempo não sabe contar os dedos de minha mão nem decifrar-lhe as linhas de sua palma. O destino passa por nós de mãos vazias. Os minutos olham para as paredes, não nos decifram e nos roubam a compreensão. Estamos nas raízes da casa, não conseguimos descobrir os planos ou os mistérios que guarda nas entranhas, as paredes têm sempre um Outro nome, querem o líquido vermelho, e o tempo desliza em línguas como um deus distraído. Eu não entendo os nomes onde ele vive.

A porta joga xadrez com uma sombra. Ela me olha, diz: será o próximo. Só então começo a estudar seus movimentos, posturas, vozes e olhares. Sente-se, não temos pressa. Sente-se. Nós não conseguimos sentir os detalhes do seu rosto. Sente-se. Endireite o corpo. Uma peça de cada vez. Não temos pressa. Pense no todo, observe cada peça, o Outro. Imagine o corpo das vozes que habitam a casa, os antepassados que seguram as peças. Endireite o corpo. Uma de cada vez. Pense no todo, sinta o ritmo dos espinhos.

Observe. Use cada movimento a seu favor. Ofereça a outra face se necessário, e não os olhos. Nunca olhe diretamente para seus olhos. Ela espera que realize esse movimento, ela o provocará até que perca o controle. Ninguém acreditará em suas palavras e promessas. Ofereça o outro lado da face. Aceite a ausência de luz e os espinhos. Lembre-se do antepassado que levantou as mãos aos céus e num banquete exibiram o silêncio de sua boca.

Sou o escolhido? Essa imagem me assombra. Aceite o nome, as manifestações. Segure as pedras. Pense no todo – como uma oferenda –, bata uma na outra. Sinta o gosto das palavras adormecidas. O movimento dos nomes no tabuleiro. Aceite a casa. Endireite o corpo. São de madeira? Sim, mas elas não suportam o peso do nome. As paredes esperam seu retorno. Meus olhos se distraem, caminham diretamente para seus olhos à procura de algo.

O tempo deixa um nome em nossas mãos.



*LIVRO QUATRO*

– O SILÊNCIO DAS ÁRVORES –



## O ESPELHO NA PEDRA

Não conhecia o medo. Brincava na terra molhada. Há lama nos meus pés.

Nas paredes, não consigo percorrer a infância das pedras. A noite abre minha boca, passa pelos dentes. O corpo não suporta outra porta. Ela leva o corpo das palavras. A palavra corpo. Casa. O passado procura uma criança. Um travesseiro assustado. Além do quarto. Às vezes as lágrimas cobrem a insônia. Minha carne quer se livrar dos ossos. A cama e seus galhos retorcidos não aceitam sacrifícios. Só me resta recolher os relâmpagos. Hoje não há cobertores. Mostro as mãos vazias e os joelhos perfurados. Terra vermelha. Há lama nos contornos do corpo. Ela não retira os espinhos que carrego. Procuro o começo da infância. O criador não atravessa as paredes. — Mãe. Não sei rezar. O rosário de pedras me acompanha. As paredes crescem. A noite me leva os dentes. Invoco nomes desconhecidos. Seu nome. O outro.

– Desça seus olhos sem medo. Mais embaixo. Sou a casa. Aquele que espera na distância. Embaixo da cama os ecos trabalham os sacrifícios. – Sem perguntas. Carrego sombras. Aceite o caminho. Trezentos e sessenta e cinco dentes. As asas do telhado procuram um nome. Silêncio. Não há estrelas embaixo da cama.

– Feche os olhos. Nas sombras tenho asas. – Não estou pronto. Olhe mais embaixo. O rosário não alcançará suas mãos. Pulsos abertos. O milagre tem pés gelados. Nas paredes moram os filhos. O corpo não reage. O cobertor é pequeno. Pés e rosto. – Se afaste. Nos dedos da infância, as pedras não flutuam.

Sombras nunca permanecem de braços cruzados. Água e lama. Oferendas perfuradas. Nada se perde. O corpo. Pálpebras que se dobram ao toque dos sinos. – Estou aqui. Não me ilumine. Mergulhe as pedras no meu sêmen.

Danço por não saber iluminar palavras. Pedras de versos úmidos. Grito por não saber encontrar aquele que perdoa. A serpente repar-

te meus olhos. Alimentar a noite é inútil. Barro preso a gotas vermelhas. Olhos Cegos. O nome. O Outro. Mãos de lua e água crespa a navegar paredes. As mãos fechadas de deus não acertam os ponteiros dos relógios. Há lama nos seus pés.

A casa se abre. O corte. A ausência da carne. O calor das palavras a correr a pele das horas. A luz não acompanha o sangue. No ventre do sono não olho embaixo da cama. Só me resta recolher o rosário.

# TRANCO FANTASMAS NO MEU CORPO

Os minutos saem de minha pele, se perdem pela casa. Vozes no meu corpo: passam por uma encruzilhada de caminhos, movem-se, movem-se. Ela não conhece o tempo. O espelho não se lembra de sua face. Caminha. Sem testemunhas. Caminha. Não sabe misturar o barro, procurar nomes e milagres. Hoje ele mudará de pele e dormirá sozinho.

A morte caminha nos olhos dos Outros, dizem que seus olhos são paredes brancas. De herança ganhei um relógio, não de metal, mas de carne. Pedi paciência e ele responde: a ferida está aberta, caminhe. Os dois ponteiros gostam de serpentes. Caminhe. Ela nunca me desafia – a morte –, arrasta um colar de nomes, gosta da inocência destes olhos cegos, nunca repete um nome.

A quarta parede a se formar dentro do meu corpo. Imagem dentro da imagem dentro do relógio. A casa, diante do espelho, sorri.

Realiza um estranho ritual, retira do espelho palavras e mais palavras. Tenta compor nomes. Horas e horas passa frente ao espelho. Sequer um pequeno nome ela consegue formar, continua o ritual, palavras e mais palavras. A ferida está aberta. Eles nunca caminham de mãos dadas.

## OUTRA INFÂNCIA

Nenhum pássaro. Tenho sementes, água. Vozes passam ao meu lado. Cobrem meu corpo com palavras impronunciáveis. Sem perceber estamos parados na frente da casa. Não há socorro quando perdemos nossos nomes. Uma sombra passa por mim. Não consegue entrar no espelho, ele está coberto com um lençol branco. Ela caminha com dificuldade. Agora, outras crianças passam por ela e tentam ajudá-la. Seus ombros magros e arqueados respondem com voz infantil: quando nasci, ganhei de presente essa pedra, com o passar do tempo ela foi tornando-se parte de mim. Dizem que foi isso que matou minha mãe quando nasci, outros, que ela foi levada numa rede, nunca mais voltou. Às vezes olho para o espelho, não consigo distinguir: a pedra e meus ombros.

Vozes passam por ela, sacodem a poeira dos ombros. A poeira se transforma em corpo e uma romaria de sombras caminha pela casa, sem pronunciar nenhuma palavra ou oração, elas caminham, sem descanso. Sem ter um nome é impossível cumprir

uma promessa, elas caminham.

Coloco-me rente a uma parede, na tentativa de escutar um ruído, de recolher o eco dos antepassados que a habitam. Digo um nome e não escuto resposta. Dentro do labirinto, sou tijolo, vermelho e gasto.

Às vezes tocam seu ombro, perguntam se está pesado, a romaria a acompanha, e dizem: corpos de terra, agora pó, parede, casa.

A infância – faca amolada nos nossos corpos – faz círculos na terra, no chão da casa. Ela tem fome. Não sei qual o motivo que ela nos trouxe aqui. A romaria caminha.

## OS GALHOS DAS MÃOS

O corpo puxado numa romaria. Cânticos a atrair meus olhos, a fazê-los provar rezas. Peço que os Outros parem um pouco que seja para sentir como a casa empareda os brinquedos. A parede é um caminho, não consigo chegar até ela. Meu rosto ninguém chegou a reconhecer. Uma sombra – Às vezes ela se une ao corpo. Noutro momento, parece estar à espera para se enraizar noutra – segue meu olhar, diz: Faço novamente. Tudo. Tudo tem um preço.

Ela se enrola em minhas pernas, dá conselhos. Escuta meus sonhos. Na infância temos unhas a raspar as paredes, escavar a terra à procura da casa primeira. Nela, nossos ossos iluminados moldam o céu com ramos espinhosos. Há grito de crianças debaixo da porta. A luz não se apaga.

O céu procura nossos olhos para descansar. Entre as crianças, o vento brinca. Não existem portas. Vejo árvores – esconderijos

a nos dar secretos ombros como moradia —. As almas a pular sem conhecer o cansaço. Não há o que comer nem por quem rezar. Os olhos sequer lembram-se de dormir. O tempo empurra os minutos para dentro dos corpos.

Não existem portas. As crianças saltam das paredes da casa, começam a vida adulta sem conhecer galhos, infância: têm em seus ombros pedras para carregar, ninguém por quem rezar.

— Hoje você faz o pedido! Os mortos sabem decifrar as palavras do corpo. — Fale pausadamente! Procure misturar o barro. O silêncio mostra as mãos, mergulha no espelho uma coroa de espinhos.

Nas árvores, os galhos mais altos fingem ser fortes, mas não suportam o peso das brincadeiras. Nossos corpos bebem a poeira do chão. O tempo cobra o preço — jamais vi uma moeda cair de sua mão — e temos nossos corpos. Aquele nos olha com ódio. Nunca o chamamos para brincar. Dos seus olhos crescem pedras, nomes e romarias.

## O TEMPO NÃO CARREGA PEDRAS

A casa retira aos punhados o pó do meu corpo. Quando criança, escondia as travessuras debaixo da mesa: sempre coberta por uma grande toalha branca. Olho passar os corpos dos adultos. Nunca encontraram: nem a mim nem às outras crianças.

O silêncio, sinal de proteção, me leva para o quintal e é sempre a mesma cena: a casa órfã olha na minha direção. Atravessa meu corpo, retorna, sua voz procura meus tornozelos. Ela me empurra e empurra, sinto na boca um gosto amargo e vermelho. Nem barro, pó, silêncio.

Ela atira o pó aos quatro cantos do quarto. Ao tocar o chão, ele torce-se vermelho. Ela, com um sinal da cruz, tenta apagar nossas lembranças. Estou à espera do meu nascimento. A casa de chão batido: ninguém vem vê-la.

Não há um número ou um nome. Ela sente falta das brincadeiras, das crianças, dos corpos na terra a se misturarem ao barro, à chuva. Ainda escuto sua voz, ela me procura. O tempo levou meus passos para o mundo adulto. Tranco os fantasmas dentro do meu próprio corpo. Ela me chama. A casa tem fome.

## VOZES NO ESPELHO

Às vezes os mais velhos escondem as chaves em lugar próximo, debaixo do tapete, pedra ou vaso. Às vezes a porta está apenas encostada. Coloque pedras no lado direito e mais à esquerda. Modele os galhos com barro. A velha nos chama de herdeiros de Adão. Ninguém na minha família tem nome. Nunca vi o seu rosto, mas sei que guarda todos os brinquedos na casa. Ela anda com a ajuda de um bastão de madeira. Quero brincar com aquela madeira e rebater a bola para bem longe. A velha cortou o couro da última que caiu no quintal. A casa não tem portão nem muro. Ali tudo se perde. Encontrou a chave? A velha é uma bruxa. Nenhuma criança na casa ou na janela. Ela guarda os brinquedos? Encontrou a chave? Mais à esquerda, assim fica torto, ela vai perceber que estivemos aqui. Não sei escrever Adão. Vamos embora, a velha pode chegar a qualquer momento.

No outro lado da rua alguém balança um objeto de carvalho. Atravessa a rua, olha a casa, caminha até ela. Retira as pedras e o barro da por-

ta. A casa vivia cercada de mato. Nunca vi alguém trabalhar naquele pedaço de chão. Havia um jardim, dizem que lá os minutos correm mais rápido. A casa não tem número nem recebe visitas: apenas o suicídio dos sonhos e brinquedos.

Quer ir até a minha casa? O menino olha para o outro lado da rua. É perto. Venha. Tenho brinquedos. Preciso encontrar a chave. Ajude-me a abrir a porta.

Tire o barro dos olhos. A casa não conhece o silêncio. Amasse o barro, pense numa criança. Sua última criação adormeceu, não tinha sombra. Preciso encontrar a chave, atravessar a porta, encontrar brinquedos, crianças. Deixe o barro impor o ritmo.

A casa arranca uma costela, sua língua dança em nossos corpos, nos dá uma aliança. A rua de ontem espera por um nome.

## QUAL O LADO DA NOITE QUE UMEDECE PRIMEIRO?

Disse assim: conduza o corpo. Confio em você, já disse isso. *Não devia. O risco é todo seu, não me culpe de suas escolhas.* Aperte um pouco mais. *Mais.* A luz atrapalha. *Acompanhe-a.* Não preciso disso. *Piedade! O público e as crianças não conhecem a palavra: piedade.* Hoje, quero ser o Outro, o que perde o corpo, e deixa-me enroscar na escuridão. *O palco é assim? Não há retorno: esqueço-me em versos.* Um pobre diabo com vontade de rir. Quando coloco os pés no palco do teatro, contraio os músculos faciais: o medo. *Controle-se, lembre-se destas palavras: o dia vai morrer aberto em mim.* Por que isso agora? *Não queria conhecer o outro lado da luz, acompanhar abraçado a cegueira? Você chegou na hora exata, não tem relógio.* O homem um poço escuro: procuro uma saída. *Talvez esteja ao seu lado, mas quem pode garantir isso?* O abandono: ele me protege. *Chega de poesia. Controle-se. É o último aviso.* Posso sair e ninguém sentirá minha falta, nem saberão que você ficou aqui. Quando se arranca os olhos: pode-se ver o nada. *O público ou a criança?* Não sei. O que é ser criança? Não tive infância. Nasci no palco. *Palco.* Por que não responde? *Você está aí?* Não sinto a respiração. *Lembre-se: não pode haver ausência na boca nas pa-*

*lavras. Sou um erro da natureza? Tenho cicatrizes. Não faz sentido ter sentido. Não preciso do fim para chegar até você. Onde é a saída? Atrás do sorriso existe dor, fantasmas. Importa-se? Ainda não está escuro. Não fale que a força vem das derrotas. Não está escuro. Não é verdade. Meu corpo está exposto, dormente. Não esconda suas feridas. Não tenho mais que cem palavras, nunca entrei num cemitério, ou dancei na chuva. Como cheguei neste lugar? Rezar? Não sei. Crianças. É preciso? Solte um pouco o corpo. Um pouco mais. O corpo. Reconhece a voz? Não tenha medo. Caminhe. Não pense na luz. Enfraquece os olhos. Incline o corpo. Sei onde está à saída, sou muitas pessoas. O palco desenha vozes no meu corpo. As crianças pensam que sou árvore: carrego uma nas costas. Às vezes deixo-a no cenário. A respiração da parede. Paredes. Paredes. Onde estão os olhos? Qual a razão de possuir olhos? Crave as garras. Abandone o disfarce nas sombras. Deixe as unhas perderem-se na minha pele. Não te culpo de nada. Estamos entre quatro paredes. Em nossos corpos nascem raízes da distância.*



*LIVRO CINCO*

— A FOME DOS NOMES —



## AS PEGADAS CRESCEM

Aproximo-me. O tempo sentado numa janela cega. A mão se arrepia a se afogar na parede. Vermelho aroma de grãos de café entalhado no corpo da casa. O céu entreabre as pálpebras do outrora telhado. O tempo deixa cair caprichosamente sementes do seu corpo. Nos tornozelos, uma procissão de sombras. Arbustos abraçados a pedras. Na terra úmida, fósseis de pesadelos, unhas, pulsos, ruínas. Ausência de cal, ossos. As pegadas crescem. Nomes abandonados.

– Mostre a palma da mão esquerda. Observe a fome da janela, a sede das paredes. – Espero que a casa retire meus ossos e, das cinzas de outros silêncios, conte a história dos nomes.

Sinto o cheiro das palavras dos outros meninos a brincar, cantar no terreno ao lado. A morte cobiça minha pele. Passo através dos seus cabelos. A infância precisa de olhos novos. Na nudez das paredes a casa não se vê. Eu nem me conheço.

Tenho pedras. No espelho o pão. Tenho fome, sede. Meu corpo aprendiz prepara a sagrada ceia dos nomes. No espelho cai a casa. Vestido de palavras, procuro-a. Os deuses bebem sonhos. Olho um esqueleto. Nem sabem que existo.

# A FOME DOS NOMES

Nenhuma criança remove as vigas que sustentam as paredes da casa. Areia, sangue, cimento, cal. Ela foge. O silêncio se faz carne.

Papagaios de argila e fogo desenham um cálice no céu.

Bolas de futebol não se desmancham. Relógios dobrados dentro dos pássaros. A rua feita de gomos de couro. De nomes, não. A rua se abre. Nossos pés se aproximam. Dez passos à direita, um pedaço de graveto, dez passos à esquerda. Pés pequenos. Lata maior ao centro. No goleiro não se toca. A precisão do corte. Dentes vermelhos. O drible. Tenho o dia dentro dos olhos. À esquerda. Não sei chutar com as duas pernas. As louças do almoço por lavar. Camiseta rasgada. O joelho nas pedras.

O jantar não se desenha. A noite se repete. Um dente de leite no travesseiro, outro no telhado. Sombras costuram ossos – aumentam sua coleção de olhos –, não carne. Sem barro no horizonte, as paredes voltam. A fome segura um espelho. Coloca-o na frente de um prato de arroz e feijão. Olha para o reflexo. – Coma! Tijolos sobre tijolos. Os nomes. Nenhum.

Levanto-me antes do sol. Um anjo que ainda não aprendeu a andar refaz os desenhos do campo de futebol. Sem me olharem, as cores se mexem. A rua se abre. Dentro de suas asas uma poça sem chuva. Dentes vermelhos. No jogo não consigo contemplar seu rosto.

# CASINFÂNCIA

No aquário de terra úmida, o tempo mais antigo brinca de ser um cardume de palavras. Em segredo semeia pequenos peixes. Sem milagres acrescento um girassol e os dedos doutras crianças. Aquário de desejos simples: gritos líquidos.

O barro vermelho procura outros peixes. Tenho que rasgar a face e a distância que me separa da água. O cheiro da infância se inclina dentro da noite. Na memória dos meninos os deuses não perdem suas sombras. Não se diz um nome quando se perde o rosto.

Durmo na ausência das paredes. A inocência da terra a umedecer os olhos, a encher o aquário, a revelar o corpo afogado das pedras. Dedos semeiam peixes infinitos. Durante dias, uma chuva de raízes ferozes espanta crianças vestidas de palavras. Ninguém fala delas.

Água e silêncio. Dedos vazios mergulham a procura dos peixes outrora semeados. Nem girassóis, nem milagres e a carne das palavras. Dou ao tempo outro cardume.

Sobre os ombros um cântico de tiros de espingarda de sal. Existem árvores que levantam as cercas de arame farpado: a infância corre. Nunca volta de mãos vazias.

Não sei da morte, do assobio noturno que atrai serpentes e portas de outros corpos. Nos olhos da noite as portas respiram. Os nomes passam por elas e caem. E em mim correm outras crianças.

Não posso assobiar no silêncio de suas águas. O tempo enlouquece se caído no milagre. Uma criança nos meus dedos. Na sua cabeça uma coroa de nomes e sal. E em mim dormem as idades dos homens.

Tenho medo de erguer o aquário, os outros dormem. Os girassóis

se quebram na ressurreição do barro. Nome cega. Nome sangra.  
Mergulho o aquário. Ninguém fala deles.

A infância não consegue atravessar o homem que vou ser. Ninguém  
fala dela.

## OS ECOS DA CHUVA

Um pedaço de madeira corre despreocupado pela rua de terra. A cidade se faz com gravetos, crianças e restos de madeira. A infância cobra pedágio: um metro quadrado de terra vermelha, plantar casas. Numa moeda cabem todos os nossos sonhos. Lenhas de tamanhos desiguais amarradas com cordão de barbante: o trem sai da estação de barro.

A cidade cresce nos olhos das crianças. Brincar não requer engenharia. Devagar os amigos crescem, as crianças têm dons desconhecidos. Pescam soldadinhos de plásticos.

Um pedaço de madeira corre despreocupado pela rua. Deus motorista. De seus dedos a noite cai. Pedras sobre seu corpo. Seu carrinho: procissão de sinos e dedos espalhados. Pedras não sangram. Na igreja o silêncio. Ela não entende a dor daquele momento. A terra eleva-se, mostra suas raízes. Deus tem os cabelos encara-

colados, seu sorriso fácil não sabe dirigir carrinhos de madeira. O corpo numa oliveira. Às vezes tenho a impressão que ela é de fogo. Às vezes a terra muda de cor. A fome tinha nas mãos galhos de oliveira. Pedra e mais pedras. Nas casas as portas são fechadas.

Dentro da minha idade, olho a oliveira. Não vejo pedras, sei que aquele é o lugar, sinto as cicatrizes, nelas os nomes são esquecidos. Trago nos ombros uma criança, numa das mãos ela carrega um globo azul, noutra um pedaço de madeira. Um galho de sangue bate contra meus ombros. Olho dentro dos seus olhos.

Uma estrela reparte pedaços de pão e gomos de chuva. Remexe nos nascimentos. Eu era a chuva. Nas casas as luzes acendem e apagam. Ela diz: água. Era eu a chuva. A terra dorme. Crianças alojam-se em seu ventre. Afogo os dedos em suas entranhas. A seiva. A cidade. Sua carne alimenta-se do silêncio e da terra úmida. Deus perambula pelas ruas. Passa em frente de cada casa. Tenta abri-las com uma chave de ossos.

Noite dentro da noite, dentro dos nomes, dentro da mão de deus e sua chave de ossos frescos, dentro da terra úmida. As letras crescem. Os nomes saltam do útero. Pousam crianças em nossos ombros. Elas dizem: água. Era eu a chuva.

# AS PÁLPEBRAS DAS SOMBRAS

Olhos recém-nascidos desenhavam a praça. Meus olhos correm do corpo. O movimento circular brinca de jogar-nos na grama. No ritmo dos pedais das bicicletas, pedalar até a infância ter febre, até as casas nos mostrarem as suas costas. O tempo, sentado na garupa, não tem coragem de puxar conversa.

Nos círculos da praça ninguém chega primeiro. Outros entregam os corpos nas pedras. O medo de quebrar o cavalo de metal não sara nossos joelhos. Eles não conhecem cicatrizes. Noutro tombo os dentes. A tarde recolhe os sobreviventes. O medo de rasgar a roupa de missa. Rezar aos deuses que nos salvem dos buracos. Resgatar os dentes perdidos. Pneu furado.

Os corpos gritam. Somos a voz dentro da hora verde. Um atrás do outro, inclinamo-nos ladeira abaixo. As árvores nos ressuscitam. Palavras antigas amparadas nos galhos da tarde. A terra remexe.

Ponho os ouvidos a escutar a árvore, a infância dentro dela. Pedalo na leveza do silêncio. As pedras se assombram com o peso do meu corpo.

Uma multidão de pedras e palavras espera o próximo movimento. O desequilíbrio vem com a prática. O ritmo dos pedais martela a carne. O milagre tem olhos cansados e lábios cegos a ler corpos. Dói respirar.

A cada curva completada, um prego de ferro abre nossos dedos. É preciso desenterrar os mortos. Molho as mãos nos seus olhos. Sou o cego a procurar no suor das palavras os próprios olhos.

Nem rua. Nem casa. No ventre do tempo, um cardume de bicicletas.

Pancada úmida. Carne. Dedos. Ossos. O céu. Os joelhos nas pedras. Nos círculos da praça ninguém chega primeiro. O tempo sentado na garupa. Adormeço.

## OS QUE ACENAM DA OUTRA MARGEM II

Os pés crescem a brincar ladeira abaixo. Meu nome. Carrinho de barro sem palavras. As marcas da chuva na terra sequear acompanham nossas sombras. A rua deságua nas raízes das casas.

Espreitado por portas e janelas, o céu se arrepia. Molhado caminho a costurar corpos. Ladeira abaixo, fome não existe. O tempo, língua de outra língua, desenha outros carrinhos. Corpos se inclinam em resposta. Ombro a ombro a sonhar nomes. Na outra margem, verdes olhos acenam em silêncio. A força do vento causa inveja aos anjos.

# OS QUE ACENAM DA OUTRA MARGEM III

Trezentos e sessenta e cinco dentes na pele de um cego a procurar os olhos e o nome. Um menino a girar o moedor de café. Abro a porta.

O dia cai de corpo inteiro. Na esquina, uma criança joga-se contra a tabuleta da rua. A cada investida, uma letra dança em vermelho mergulho. Depois da sexta vez, nada resta do nome. Deus sentado na calçada, os dedos em imaginária flauta, a procurar uma melodia.

Sem conhecer tamanho e idade. Ele cobre o corpo como se faz a um filho. Passa um fio de arame por entre suas carnes. Outras asas seguem em cortejo. Ele abaixa-se, recolhe migalhas de sorrisos e pedras de alados gritos. Preces não chegam aos céus.

Leva paredes que não o deixam sair da casa. Ela se entranha no

corpo. Sentado à mesa, as palavras se afastam de medo, cadeiras vazias. Como falsas cartas, embaralha portas, uma a uma, vira-as. O assobio da chaleira cobre a mesa. Elas olham seu rosto.

Sapatos jogados nos fios elétricos seguem o cortejo. Coar o café. O tempo recorta os passos dos outros. Eles correm com as mãos amarradas. O caminho perde seus ossos. Ossos de antigos corpos de joelhos curvados a cavar, e a terra se converte em palavra vermelha.

Coloque o rosto na parede, espante a febre, as vozes. Deus procura ler as crianças entranhadas em suas carnes. A água não canta no bule de café. Sentado à mesa, cinco cadeiras vazias.





Esta obra foi composta em Georgia  
em junho de 2012 para a Editora Patuá.

CABOCLO caminha na mata de onde venho  
senta-se na grama da infância  
catavento de ervas  
trovão      cachoeira      machado  
o silêncio não acorda  
um oceano separa meus braços

– pesca um pouco d'água

trago nos ossos      raízes de tambores e nomes  
as pescarias de histórias de meu avô  
abraçadas à velha casa de madeira  
jacarés empalhados alimentam sonhos  
nos meus olhos de barro

*Nas águas do centenário de nascimento  
de Jorge Amado e Luiz Gonzaga.*

Tiragem de 100 exemplares